



O jornalista Glenn Greenwald denuncia os abusos do governo dos Estados Unidos desde 2005

SERGIO NOROIS / REUTERS

Quem vigiará os vigilantes?

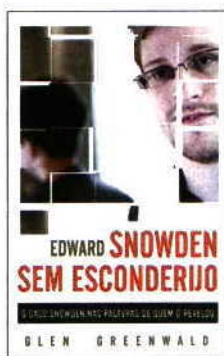
No seu livro, *Sem Esconderijo*, o jornalista americano Glenn Greenwald, a quem o ex-técnico da NSA Edward Snowden passou documentos ultrassecretos, revela os pormenores do maior esquema de espionagem do século e lança a discussão sobre os limites da vigilância

POR NATHAN FERNANDES

O jornalista norte-americano Glenn Greenwald e a documentarista Laura Poitras estavam sozinhos e tensos na sala de um hotel em Hong Kong. Virados de costas para a porta, viram pelo reflexo do espelho que alguém se aproximava com um cubo de Rubik na mão – a senha combinada para identificar a fonte, Edward Snowden, o ex-técnico de segurança da Agência Nacional de Segurança (NSA) dos Estados Unidos. Greenwald, 47 anos, esperava encontrar uma pessoa mais velha. E no livro *Sem Esconderijo* (publicado em Portugal pela Bertrand, em maio) confessa que uma das experiências mais desconcertantes da sua vida foi ter visto alguém tão jovem como Snowden enquanto fonte de todo o manancial de informação que tinha à sua frente.

A narrativa conta pormenorizadamente os bastidores do maior esquema de espionagem do século com um suspense digno de Ian Fleming. Só que em vez do agente elegante com um Martini na mão, o protagonista é um miúdo da geração da internet, aparentando ter muito menos do que seus 30 anos.

Especialista em cibersegurança e operador informático de alto nível, Snowden trabalhou para a CIA e a NSA e precisava de quem «traduzisse» para o público as provas de que



Sem Esconderijo GLENN GREENWALD

Bertrand Editores,
312 págs., €18,80

As verdades desconcertantes sobre a atividade das agências de espionagem norte-americanas chegaram, em maio, às estantes portuguesas e fazem-nos refletir sobre o futuro das democracias.

o Governo dos Estados Unidos estava a agir fora da lei. E Glenn Greenwald foi a pessoa certa.

Greenwald trabalhou, entre os anos 90 e o início da década seguinte, como advogado, em Nova Iorque. Representou instituições poderosas como o Goldman Sachs, e chegou a ter um escritório próprio. Em 2005, depois de sair de uma relação amorosa de 11 anos com um psicanalista, decidiu largar tudo e foi para o Rio de Janeiro pensar na vida.

Na primeira ida à praia de Ipanema, uma bola acertou na sua bebida. Um homem veio desculpar-se. Era David Miranda, o seu atual companheiro. Foi o novo amor que mudou a vida do ex-advogado e o fez com que começasse a trilhar o caminho que o faria cruzar-se com Snowden.

Ficou a viver no Brasil e criou o blogue *Unclaimed Territory* (mais tarde incorporado no site da revista *Salon*) para denunciar os abusos dos Estados Unidos. E passou a escrever livros incómodos como *How Wold a Patriot Act?* (2006), *A Tragic Legacy* (2007) e *With Liberty and Justice for Some* (2011), que entraram para a lista de best-sellers do *New York Times*.

Contacto anónimo

Em 2012, já a trabalhar para um blogue e para uma coluna de opinião na edição norte-americana do diário britânico *The Guardian*, recebeu o e-mail de alguém que se autointitulava Cincinnatus, dizendo possuir documentos que poderiam interessá-lo. Habitado a alarmes falsos, ignorou a mensagem. O anónimo insistiu, mas ele não estava disposto a instalar programas de encriptação de que nunca tinha ouvido falar para conversar em segurança. E, assim, o escândalo do século quase não aconteceu. Greenwald só o perceberia em Hong Kong.

Em abril de 2013, a documentarista Laura Poitras disse que havia recebido uma série de e-mails de uma fonte que afirmava ter documentos a que Glenn deveria prestar atenção. Depois de alguns dias, ao ver uma pequena amostra e conversar com os editores do *Guardian*, Glenn convenceu-se que deveria ir até Hong Kong encontrar essa fonte.

A 6 de junho de 2013, o *Guardian* publicou o primeiro de primeira de uma série que envolveria diversas publicações e faria o presidente Barack Obama ter de se explicar ao mundo. Em abril deste ano, o *Guardian* e o *Washington Post* foram galardoados com o *Prémio Pulitzer*. Glenn foi aos Estados Unidos receber o troféu.



GLENN GREENWALD / THE GUARDIAN

A fonte Edward Snowden passou documentos secretos ao jornalista Greenwald. Agora, é acusado de traição

Através da ligação Snowden-Greenwald o mundo ficou a saber que Washington tem acesso a grande parte da internet mundial; que a NSA trabalha em parceria com os governos de outros países, como Reino Unido e Canadá, para aceder a dados de países terceiros, vigia líderes mundiais, através de escutas telefónicas, acede aos computadores de cidadãos através de programas informáticos maliciosos. Em suma, envolve-se em espionagem económica, diplomática e na vigilância aleatória de populações inteiras.

Portugal na categoria B

Na lista de países que colaboram com os EUA, Portugal aparece na categoria B: os que têm uma cooperação limitada com NSA e são, simultaneamente, alvo de vigilância apertada. Para Licínia Simão, professora de relações internacionais e investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, os interesses de Portugal e dos EUA são alinhados. «Para os Estados Unidos, somos um parceiro que pode ter utilidade instrumental em alguns contextos. Somos um parceiro acrítico», afirma.

Com todos estes acontecimentos, preocuparmo-nos com as questões de segurança na internet e programas de encriptações deixa de parecer mania da perseguição. «Não é paranoia, é uma necessidade», afirma o especialista em segurança digital Dinis Cruz, diretor da OWASP (Open Web Application Security).

Para Snowden, a questão é mais ampla. Não se trata de privacidade, mas de liberdade, afirmou o ex-técnico em entrevista à Rede Globo. «Se vigiamos cada pessoa desde que ela nasce, podemos dizer que somos livres? Isso é muito perigoso porque mudamos o comportamento se sabemos que estamos a ser vigiados. É uma ameaça à democracia.»